

## Outros títulos

- AA.VV. [Câmara Municipal de Oeiras], *1.º Ciclo de Estudos Oeirenses: Oeiras, a Terra, e os Homens*
- Ascher, François, *Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade*
- Baptista, Luís V., *Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*
- Benko, Georges, *A Ciência Regional*
- Benko, Georges, e Alain Lipietz (orgs.), *As Regiões Ganadoras: Distritos e Redes, os Novos Paradigmas da Geografia Económica*
- Costa, António Firmino da, *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*
- Fortuna, Carlos, *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*
- Fortuna, Carlos, *Cidade, Cultura e Globalização* (2.ª edição)
- Guerra, Isabel (coord.) e outros, *A Baixa Pombalina: Diagnóstico, Prospectiva e Estratégia de Actores*
- Vaz, Maria João, *Crime e Sociedade: Portugal na Segunda Metade do Século XIX*
- Vaz, Maria João, Eunice Relvas, Nuno Pinheiro (orgs.), *Exclusão na História: Actas do Colóquio Internacional Sobre Exclusão Social*

MAGDA PINHEIRO, LUÍS V. BAPTISTA E MARIA JOÃO VAZ  
(ORGANIZADORES)

# CIDADE E METRÓPOLE

CENTRALIDADES E MARGINALIDADES

Paula Abreu  
Marina Antunes  
José Gabriel Pereira Bastos  
Susana Pereira Bastos  
Luís V. Baptista  
Joana Campos  
António Firmino da Costa  
Graça Cordeiro  
Maria Teresa Craveiro  
Alina Esteves  
Mónica Farina  
Eduardo Viegas Ferreira  
Paulo Ferreira  
Carlos Fortuna  
Catarina Jorge  
José Manuel Julião  
David Justino  
João Teixeira Lopes  
Ángela Luzia  
Jorge Malheiros  
Sandra Mateus  
José Manuel de Oliveira Mendes  
Ricardo Mendes  
Leonel Neves  
Carlos Nunes  
Magda Pinheiro  
Paulo Peixoto  
Inês Pereira  
Virgílio Borges Pereira  
Jorge de Sousa Rodrigues  
Teresa Rodrigues  
Álvaro Ferreira da Silva  
Artur Valentim  
Maria João Vaz



Centre de Estudos Sociais  
Laboratório Associado

7176

Bibl. Norte/Sul ✓

CELTA EDITORA

OEIRAS / 2001

© CEHCP/ISCTE, 2001

Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz (organizadores)  
**Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades**

Primeira edição: Dezembro de 2001  
Tiragem: 800 exemplares

ISBN: 972-774-129-0  
Depósito legal: 173124/01

Composição (em caracteres Times, corpo 9): Celta Editora  
Capa: Mário Vaz | Arranjo e imagem: Paula Neves  
Impressão e acabamentos: Grafis, CRL, Portugal

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,  
de acordo com a legislação em vigor,  
por Celta Editora, Lda., Apartado 151, 2781-901 Oeiras, Portugal.

**Celta Editora**, Rua Vera Cruz, 2B, 2780-305 Oeiras, Portugal  
Endereço postal: Apartado 151, 2781-901 Oeiras, Portugal  
Tel.: (+351) 214 417 433  
Fax: (+351) 214 467 304  
E-mail: [mail@celtaeditora.pt](mailto:mail@celtaeditora.pt)  
Página: [www.celtaeditora.pt](http://www.celtaeditora.pt)

## INTRODUÇÃO

*Carlos Fortuna*

*Faculdade de Economia/Universidade de Coimbra*

A reflexão política, sociológica e antropológica sobre a cidade dos nossos dias está a revelar-se hoje de tal modo diversificada e inovadora que, pode dizer-se, configura ou insinua uma situação de transição paradigmática (com novos ou renovados objectos, sujeitos e conceitos, com novas teorias, métodos e contextos analíticos) de cujos contornos é preciso dar conta. Cada um dos textos que integram esta parte do livro revela-se, à sua maneira, um contributo que pode ser inscrito neste esforço de renovação do pensamento sobre a cidade.

O complexo e aturado estudo empírico de Susana Pereira Bastos e José Gabriel Pereira Bastos, acerca do confronto de diversas representações identitárias sobre a cidade e os seus habitantes, coloca-nos perante a questão central das estratégias de nomeação que os diferentes actores sociais accionam e fazem dos outros como forma de sustentar a sua própria identidade e se autodefinirem. Desse estudo ressalta a questão da diversidade social e das identidades ou identificações dos sujeitos que surge prolongada, pode dizer-se, no trabalho de Catarina Jorge sobre “a cidade e o museu”. A autora argumenta em favor da diversidade social e cultural como sendo o elemento identitário mais estável das relações sociais e da própria cultura urbana, o que desde logo afasta da investigação sobre a cidade essa maligna tentação para homogeneizar os diversos comportamentos, representações, referências e modelos culturais que nela se concretizam.

As cidades são intrinsecamente diversas, do mesmo modo que se distinguem e diferenciam entre si. No plano da análise dos públicos e dos consumos culturais, Paula Abreu oferece um estudo comparativo sobre várias cidades portuguesas de que resulta uma fotografia dinâmica e diversificada dos factores a montante do acto cultural oferecido na cidade e, portanto, das disposições, capacidades e condições que subjazem ao seu consumo real ou potencial. O modo como aqueles factores ou recursos condicionam a imagem da cidade e a sua identidade prolonga-se pelo capítulo assinado por Paulo Peixoto. O exercício que este texto nos propõe é o de reflectirmos sobre o contexto político internacional que, ao longo das últimas três décadas, tem vindo a proporcionar uma acentuada “corrida” das cidades ao reconhecimento de um estatuto particular de cidades “património”, com o qual pretendem esgrimir no plano da concorrência intercidades, sem deixar de procurar efeitos positivos na qualidade da vida que nelas se vive.

A cidade como palco e a vida urbana como arte é, talvez, a mensagem mais sintética que se pode retirar da reflexão que João Teixeira Lopes aqui nos oferece. Fiel ao reconhecimento da diversidade social e cultural da cidade, o autor desenha uma cidade vista de uma perspectiva singular que faz sobressair os repertórios culturais, herdados ou construídos, com que alguns grupos se insinuam e apresentam nos diversos espaços e tempos da cidade que vivem. Com o

texto de José Manuel Mendes, que fecha esta secção do livro, não nos afastamos desta relação palco-arte que a cidade encerra. A festa, as performances e as tradições, surgem-nos aqui como elementos decisivos de um jogo de simbolismos e ritualizações que não pode ser desprezado como se não tivesse efeitos concretos sobre as vidas vividas nas cidades de hoje.

Como comecei por dizer, todos estes contributos revelam novas preocupações com a interpretação e o sentido da cidade dos nossos dias. Sabemos como é longa e diversificada a história da cidade. Começou por ser a história da sua afirmação como entidade política, administrativa e cultural autónoma perante a hegemonia do que hoje designamos o “campo”. Esta longa luta pela sua afirmação é, de alguma maneira, a imaginação da própria cidade como território de liberdade e emancipação política e social. Mesmo quando, ao longo da história, a cidade se autonomiza e sobrepuja o “campo”, permanece nela a necessidade de se imaginar ou inventar como território de liberdade e emancipação política e social. O contraponto desta “morte” simbólica do campo é a “morte” simbólica de uma parte da cidade — a dos mais frágeis, mais pobres e mais incultos — às mãos da outra parte — a dos mais ricos, mais cultos e mais poderosos. Metaforicamente dir-se-ia que a cidade substituiu o seu ancestral conflito com o campo e o rural pelo conflito consigo própria e que se instaurou na cidade moderna e industrial o conflito da cidade consigo própria, isto é, da cidade com a “não cidade”.

Esta tensão não pode continuar a ser aferida apenas numa linha vertical de poderes e capacidades (a cidade lida num eixo “de cima para baixo”). Ela tem forçosamente que ser também lida nas suas horizontalidades e lateralizações (na relação entre “os centros e as margens”). Tal exigência requer uma mudança epistémica e uma transição paradigmática a operar no domínio do conhecimento de que dispomos sobre a cidade e o urbano. Creio que os textos que compõem esta secção, como de resto também outros aqui contidos, podem ilustrar, parcialmente, este esforço de reconceptualização que a cidade reclama. É um esforço que está ainda apenas a começar, entre nós e noutras comunidades de análise e reflexão. É, certamente uma tarefa longa no seu desenrolar. Mais que isso, uma tarefa cujo sucesso só pode ser garantido se feita colectivamente, rompendo fronteiras interdisciplinares e discursivas.

Sustentei não há muito tempo, noutra lugar, que nunca estivemos tão próximos de reconhecer que só no cruzamento de diferentes campos discursivos e tradições intelectuais pode a cidade reencontrar-se na plenitude da sua multivocalidade e polivalência. Conservo obviamente esta opinião e admito mesmo que os textos que aqui surgem publicados alimentam esta minha interpretação de que estamos a construir hoje um património de conhecimento a partir do qual se podem pensar os fundamentos de uma nova teoria sociológica e política da cidade contemporânea.

Sinais desta imperiosa renovação podem encontrar-se no reconhecimento de que, com o *cultural turn* dos anos de 1980, o velho grito sobre o “direito à cidade” está hoje assegurado. Mas é incompleto e é preciso dar-lhe consistência e juntar-lhe o direito à diferença. Do mesmo modo, renovar o pensamento sobre a cidade é aceitar que, em democracia, ela concede liberdade. Mas que é preciso juntar-lhe criatividade. É defender que a política está presente na cidade, mas que é preciso reinventá-la para a aproximar da velha e abstracta polis, da participação cívica e da garantia dos direitos de cidadania. É admitir que, além das suas formas, das suas estéticas, dos seus usos e funções, a arquitectura urbana deve também reimaginar-se na sua relação com o espaço, o tempo, os sentidos e as pulsões da cidade. É indispensável reconhecer que nem o espaço da cidade é monolítico nem o seu tempo absoluto e linear. Mas, mais que isto, e por isso mesmo, é necessário reconhecer que a cidade não é uma coisa e que se reconhece simultaneamente como real e representacional, como ética e como estética, como espaço e como tempo, socialmente vividos e permanentemente (re)construídos. Por todas estas razões, ler sociologicamente a

cidade, a um tempo, nos seus eixos verticais e horizontais de poderes e capacidades, é reinventar o sentido do acto cultural que constitui e do espaço público, participado e democrático que potencia. É imaginar uma nova e criativa conjugação da cidade com aquilo que designei por “não cidade” e ousar vivê-la.